

**FICA
ENTRE
NOS**

**SOPHIE GONZALES
CALE DIETRICH**

**FICA
ENTRE
NÓS**

Tradução
VITOR MARTINS

SÉQUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright do texto © 2022 by Sophie Gonzales e Cale Dietrich

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL *If This Gets Out*

CAPA Ale Kalko

ILUSTRAÇÃO E LETTERING DE CAPA Helder Oliveira

PREPARAÇÃO João Pedroso

REVISÃO Adriana Bairrada e Luciane H. Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fica entre nós / Sophie Gonzales, Cale Dietrich;
tradução Vitor Martins. — 1ª ed. — São Paulo:
Seguinte, 2022.

Título original: *If This Gets Out*.

ISBN 978-85-5534-203-5

1. Ficção australiana I. Dietrich, Cale. II. Título.

22-102648

CDD-A823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura australiana A823

Eliete Marques da Silva — Bibliotecária — CRB-8/9380

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br

Para Cameron Steinert e Shaye Dietrich

UM

RUBEN

Quase despencar para a morte em um estádio cheio de gente gritando é um alerta, em meio a outros infinitos alertas recentes, de que preciso dormir mais.

Estamos no meio do último show da turnê norte-americana de *Months by Years* quando acontece. Estou a uns quatro metros e meio acima do palco, numa plataforma suspensa e iluminada que parece o horizonte de uma cidade. Chega a hora de nos abaixarmos graciosamente e sentarmos na beirada, murmurando o início da última música, “His, Yours, Ours”, mas em vez de dar uma abaixadinha elegante, dou um passo em falso, tento me equilibrar e caio para fora.

Antes que eu despenque lá embaixo, alguém me segura pelo ombro. É Zach Knight, um dos outros três integrantes da Saturday. Ele arregala um pouquinho os olhos castanhos, mas, tirando isso, age como se não fosse nada. *Tudo certo por aqui.*

Não posso me dar ao luxo de parar para agradecê-lo, porque estamos cercados pela fumaça de gelo-seco no palco — que está ali para parecer ou as nuvens ou a poluição de uma cidade, nunca entendi direito — e os primeiros acordes da música já começaram. Zach mantém a mão no meu ombro enquanto canta, como se fosse tudo parte da coreografia, e eu me inclino para manter uma pose desequilibrada, totalmente sob controle. Pelo menos por fora.

Depois de vinte e sete shows e meio, um atrás do outro só este ano, não é exatamente a primeira vez que um de nós precisa acobertar um tropeço ou erro na coreografia. Por outro lado, é, *sim*, a primeira vez que um desses erros quase causa uma queda de quatro metros de altura, e meu coração nunca deve ter batido tão forte assim, mas o show tem que continuar.

Afinal, a verdade é que não estamos *dando* um show; nós *somos* o show. E o show não pode parar por dois minutos para se recompor depois de quase quebrar o pescoço.

O show é suave, controlado e faz tudo de propósito.

Quando Zach termina de cantar sua parte, dá um apertãozinho no meu ombro — o único tipo de atenção que dará para aquela situação no momento — e então baixa a mão quando Jon Braxton começa seu verso. Jon sempre tem mais solos. Acho que é isso que acontece quando seu pai é o empresário da banda. Não temos um líder, por assim dizer, mas, se tivéssemos, seria Jon. Pelo menos aos olhos do público.

Quando Jon termina e chega a minha vez de cantar a ponte da música, já consegui controlar um pouco a respiração. Não que faça diferença — em todas as músicas, sem exceção, recebo os solos mais simples, sem nenhuma nota alta. Sendo bem sincero, eu daria conta do recado até com uma meia enfiada na boca. Eles não estão nem aí se tenho o maior alcance vocal dos quatro. Por motivos que nunca se deram ao trabalho de me explicar, preferem que eu seja mais suave. “Eles” são nossa equipe de gerenciamento e, de certa forma, nossa gravadora — agência Chorus e Galactic Records.

E Deus me livre tentar forçar essas limitações com um vocal diferente ou uma mudança de tom. Devemos soar exatamente como no álbum. De forma planejada, enlatada e impecável.

Ainda assim, com vocais inibidos ou não, o público parece explodir de energia quando canto — os flashes espalhados pelo mar de gente ficam mais frenéticos, os bastões de luz se balançam com mais força, e as

centenas de cartazes dizendo RUBEN MONTEZ, CASA COMIGO se erguem mais alto. Tenho certeza de que é apenas minha percepção, mas quando canto sozinho tudo se encaixa no lugar. Só eu e a multidão, vibrando exatamente na mesma frequência.

Por mim, eu ficaria nesse momento para sempre, cantando o mesmo verso simples sem parar, ouvindo os mesmos gritos, vendo os mesmos cartazes, e a eternidade não passaria de um instante.

Então Angel Phan começa o verso que precede o refrão com seu tom rouco e ofegante, o instrumental abaixa até se tornar um sussurro e o palco mergulha na escuridão. Como fizemos dezenas de outras vezes, levantamos ao mesmo tempo e cada um para em um X que brilha no escuro, conforme a plataforma da cidade se abaixa até chegar ao palco. Assim que dou um passo para fora e volto à superfície firme, consigo relaxar.

É tudo muito rápido. De repente, lasers atravessam a escuridão quando começa o instrumental do refrão, com um ritmo mais animado. As luzes se acendem e, com o público intercalado em fileiras fluorescentes verdes e azuis, partimos para o refrão ainda em êxtase. Para nosso azar, a música final tem a coreografia mais desafiadora da noite, com movimentos de hip-hop que devemos acertar milimetricamente sem perder a harmonia. Antes de a turnê começar, eu já estava em forma e, ainda assim, precisei correr na esteira cantando durante duas semanas ano passado para meus pulmões darem conta.

Mas fazemos parecer fácil. Nos conhecemos como ninguém. Mesmo sem olhar para eles, sei o que todos estão fazendo.

Zach está com a cara séria — mesmo depois de todos esses anos ele ainda fica nervoso durante coreografias mais intensas, e imediatamente liga o modo concentração.

Jon passa metade do refrão de olhos fechados — o pai vive brigando por isso, mas ele não consegue evitar se perder na emoção do momento.

Aposto qualquer coisa que Angel está devorando o público com o olhar, adicionando alguns movimentos pélvicos e chutes no final de cada passo, mesmo sabendo que não pode. Valeria, nossa coreógrafa, sempre chama sua atenção por causa disso nas nossas reuniões pós-show.

“Você acaba chamando atenção demais”, ela sempre diz.

Mas todos sabemos o verdadeiro problema: nossa equipe passou dois anos o vendendo como o cara imaculado e inocente que as garotas gostariam de apresentar para os pais quando, na verdade, ele é o exato oposto.

Depois do refrão, mudamos de posição e dou uma espiada em Zach. Seu cabelo castanho está grudado na testa por causa do suor. Nós dois estamos de jaqueta, eu com uma esportiva, e ele com uma de couro. Mas vou te contar: com os holofotes sobre nós, a fumaça que infesta o ar e o calor humano do público aglomerado no estádio fechado, a temperatura chega a pelo menos uns quarenta graus. É um milagre que, com tantos acidentes no palco, ninguém tenha desmaiado de calor ainda.

Zach nota meu olhar, dá um pequeno sorriso e volta para o público. Percebo que estou encarando e afasto os olhos depressa. Em minha defesa, nossa cabeleireira e maquiadora, Penny, uma mulher curvilínea de vinte e poucos anos, deixou o cabelo dele crescer para esta turnê, e está com aquele comprimento feito para exalar sensualidade quando fica molhado de suor. Não estou notando nada que o público já não tenha notado. Na verdade, o único que parece não notar como Zach está lindo é o próprio Zach.

Esvazio a mente e deixo a música me controlar no piloto automático, girando, pisando e pulando numa dança que meu corpo já sabe de cor. A música termina, as luzes ganham uma coloração laranja e amarela, e congelamos, ofegantes, enquanto o público levanta. Zach aproveita a oportunidade para tirar o cabelo encharcado da testa e jogar a cabeça para trás, revelando o pescoço.

Merda. Estou encarando de novo.

Me forço a focar em Jon, que vai até o centro do palco e orienta o público a agradecer aos músicos, ao time de segurança e à equipe de luz e som. Daí vem um *Muito obrigado, Orlando, nós somos a Saturday, boa noite!* enquanto acenamos ao som de aplausos tão altos que chegam a ficar inaudíveis, e saímos correndo do palco.

E é isso. A parte norte-americana da turnê *Months by Years* acaba num piscar de olhos.

Erin, uma mulher alta, roliça e de cabelos longos e ruivos, que deve ter uns quarenta e poucos anos, nos encontra na saída do palco, e vamos todos aos bastidores.

— Parabéns, meninos! — diz ela com a voz estrondosa, erguendo a mão para nos cumprimentar um por um. — Estou tão orgulhosa de vocês! *Acabou!*

Como gerente da turnê, Erin é meio que a substituta dos nossos pais ausentes quando estamos na estrada. Ela é responsável pelas nossas agendas e regras, por nos disciplinar e parabenizar, lembrar dos aniversários e alergias, e garantir que estaremos no lugar certo o dia todo, todo dia.

Gosto da Erin como pessoa mas, assim como todos os funcionários da agência Chorus, nunca abaixo a guarda completamente quando estou com ela. A Chorus pode ser a equipe que vende, promove e organiza nossa banda, mas também é a equipe que nos moldou para o que somos hoje. E que controla rigorosamente com quem conversamos, o que falamos e quais liberdades temos.

No que diz respeito à liberdade, não temos muita. Então, tento não dar motivos para que eles a limitem ainda mais.

É o que todos fazemos.

Zach caminha ao meu lado enquanto passamos por várias pessoas da equipe. Seu cabelo está solto novamente e as ondas rebeldes balançam sobre a testa ainda suada.

— Você está bem? — pergunta ele num sussurro.

Minhas bochechas esquentam. Esqueci que tinha escorregado.

— Sim, tudo bem. Acho que ninguém reparou — sussurro de volta.

— E daí se alguém reparou? Quero saber se você está bem.

— *Sim*. Deixa isso pra lá.

— Por que ele não estaria bem? — pergunta Angel, se enfiando entre nós dois e jogando os braços sobre nossos ombros.

Levando em conta que Angel é uns trinta centímetros mais baixo que eu, e que Zach mede mais de um e oitenta, não é uma tarefa fácil.

— Acabou. Vamos pra casa *amanhã*!

— Por quatro dias — diz Jon ironicamente enquanto acompanha nossos passos.

— Nooooooa, valeu mesmo, Capitão Obviedade! Eu sei contar — responde Angel, se esquivando de Jon. — Primeiro, quero muito descansar, mesmo que seja só por quatro dias. E segundo, durante esses quatro dias, vai acontecer o maior evento da vida de vocês.

— Ah, agora sua festa de aniversário é maior que o Grammy? — pergunto.

— E o Billboard Music Awards? — continua Zach, dando um sorrisinho para mim.

— Maior que os dois — responde Angel. — Vai ter pavões na festa.

Jon solta uma gargalhada, mas tira o sorriso do rosto quando Angel o fuzila com o olhar.

— Ainda dá tempo de *desconvidar* vocês — diz Angel.

— Não, por favor, não posso perder os *pavões*.

Jon vira, começa a andar de costas e bate palmas para Angel.

— Pega. Leve. Braxton.

Chegamos aos camarins, onde nossa equipe nos espera para trocarmos de roupa. Ao redor, há quatro araras portáteis, e enquanto nos despimos em modo automático, as roupas são marcadas e organizadas em cabides para serem lavadas a seco. É trabalho deles manter a

ordem das dezenas e mais dezenas de figurinos, quem veste o quê e quando. A equipe faz o trabalho parecer fácil e impecável, assim como fazemos com o nosso, mas não invejo a dor de cabeça deles.

Como cresci me apresentando em teatros musicais, estou acostumado a tirar a roupa depois de um show. A diferença aqui, enquanto estamos em turnê, é que tiramos um figurino para vestir outro: não podemos nos vestir por conta própria enquanto houver uma câmera na nossa frente. A Chorus decidiu nossos papéis anos atrás. Quando nossos estilistas não estão fazendo malabarismo para combinar o visual de cada show, estão organizando e comprando roupas casuais para manter nossa marca registrada aonde quer que tenhamos que ir a trabalho. E estamos sempre trabalhando.

Essencialmente, nossas roupas — nossas fantasias — contam a história das nossas personalidades. Mas não quem somos de verdade.

Zach é basicamente um bad boy: jaqueta de couro, botas, jeans rasgados e o máximo de preto possível. Angel é o bobão divertido e inocente, o que significa muitas cores e estampas, e nada justo nas coxas e nem de longe sexy — para desgosto dele. Jon é o conquistador carismático, então a regra de ouro é *mostre esses músculos nem que sua vida dependa disso*.

Quanto a mim, sou o inofensivo com rosto bonitinho, acessível, responsável e esquecível. A maior parte do meu guarda-roupa é cheia de suéteres de caxemira com gola redonda em tons neutros e quentes, feitos para me fazer parecer fofo e abraçável. E, claro, não faz sentido parecer responsável e esquecível se não for para agir como tal, então, minhas regras são claras: nada de mencionar minha sexualidade em entrevistas, nada de me mostrar demais no palco, nada de ter muita opinião e, *definitivamente*, nenhum namorado público. Sou a tela em branco em que os fãs podem pintar a personalidade que quiserem. A carta curinga para aqueles com preferências que não batem com os outros três.

O oposto de tudo que fui criado para ser.

Por mais produzidos que sejamos, a parte interessante é como nossos fãs mais devotos conseguem ver além. Aqueles que assistem e consomem tudo que envolve nós quatro. Já vi descrições da nossa personalidade muito mais próximas da realidade — se referindo ao Zach como sensível e doce, e ao Jon como determinado e cauteloso. Um Angel inconsequente e hilário, e eu perfeccionista e muito sarcástico. Já vi discussões entre fãs na internet, em que os dois lados afirmam saber que nos conhecem *de verdade*. Nenhum deles nos conhece de verdade, é claro, porque não nos *conhecem* de forma alguma, não importa o quanto tentem. Mas alguns nos veem com mais clareza. Nos veem e ficam com a gente. Nos *veem* e, mesmo assim, parecem gostar de nós muito mais que os outros.

Vai entender.

Erin está navegando no iPad enquanto nos trocamos; uma âncora firme no meio desse caos organizado.

— Quando todos estiverem prontos, quero conversar com vocês sobre a semana que vem — diz ela. Resmungamos ao mesmo tempo, e Zach inicia uma competição comigo para ver quem resmunga mais alto. Não conseguimos decidir um vencedor, porque Erin nos cala antes de chegarmos ao volume máximo. — *Eu sei*, eu sei. Vocês estão cansados e...

— A gente virou um bando de zumbi — corrige Angel, antes de abrir a tampa de uma garrafa de água com os dentes.

— É, Ruben quase *desmaiou* — comenta Zach, e chuto a canela dele enquanto Erin olha diretamente para mim.

— Não desmaiei, só me... atropalhei.

— Não vai levar muito tempo — diz Erin. — Dez minutos, no máximo.

Jon entrega sua camisa de botão cinza para nosso estilista, Viktor, deixando à mostra o peito liso e largo que, como o dos outros dois, já

é familiar para mim a esta altura. Angel balança a garrafa para jogar água gelada em Jon, sem camisa, que engasga, grita e dá um pulo bem na hora, fazendo Zach morrer de rir.

— Angel! Por que você é *tão idiota*?

— Não tenho mais nada pra fazer.

— Tá de *brincadeira*?

Zach, ainda rindo, joga uma toalha de rosto para Jon, que seca a pele marrom enquanto murmura sozinho. Embora Jon seja inegavelmente lindo e esteja a alguns metros de mim, seminu e molhado, a cena não chega a me distrair. Trocar de roupa na frente dos outros é uma tarefa cotidiana para nós quatro, então é necessário muito mais que um cara gato com barriga de tanquinho para me pegar desprevenido.

É claro que, quando Zach tira a camiseta, me certifico de que estou olhando para qualquer lugar *menos* para ele, do mesmo jeito que tenho feito em todos os shows nos últimos meses. Porque seja lá qual for a definição do “muito mais” necessário para chamar minha atenção, Zach tira de letra, e ainda que eu tente sufocar esse sentimento, não consigo eliminá-lo totalmente. Em outras palavras, até que eu consiga acabar com essa pegadinha que meu cérebro prega em mim mesmo, preciso tratar Zach sem camisa como a Medusa. Não posso olhar, sob risco de morte.

Angel está de costas para mim, então pego a garrafa de água mais próxima e despejo sobre a cabeça dele, encharcando seu cabelo preto e deixando as mechas caídas. Ele engasga e dá meia-volta.

— Traidor — diz.

Corro para me esconder atrás de Zach, que já vestiu outra camiseta, então estou seguro.

— Meninos, meninos — diz Penny, correndo até a mesa onde está seu kit de maquiagem enorme, feito uma mãe desesperada jogando o corpo na frente do único filho em um tiroteio. — Nada de guerra de água perto da maquiagem. Chega. Ruben, preciso limpar seu rosto, vem cá.

Angel solta a garrafa, levanta as mãos e, rendido, usa uma delas para tirar o cabelo molhado do rosto. Quando saio detrás do Zach, Angel balança a mão depressa, respingando água em minha direção. Mas não consegue me acertar.

Desvio para pegar os lenços umedecidos e começo pelos olhos. Durante os últimos anos, nossa maquiagem nos olhos foi ficando cada vez menos sutil, a ponto de a pintura neutra-porém-marcada virar parte da nossa marca visual. Nos últimos tempos, Penny tem gastado pelo menos um delineador marrom inteiro por semana. Ela tem um jeito de esfumçar o delineado com sombras suaves e um toque de iluminador que faz nossos olhos ficarem chamativos. Tentei replicar uma vez e ficou parecendo que eu ia fazer um teste para *Piratas do Caribe*. Desde então deixo o delineado com ela.

Por fim, de cara e roupas limpas, nos amontoamos no camarim com Erin. Me jogo no sofá, deito a cabeça no descanso de braço e fecho os olhos, enquanto Zach, sentado no braço do sofá ao meu lado, se diverte cutucando minha cabeça de maneira ritmada. Afundo o rosto na almofada para esconder o sorriso e, contra a minha vontade, abano a mão para fazê-lo parar enquanto Angel e Jon sentam ao meu lado.

Angel chuta meu pé para que eu abra espaço, me forçando a sentar direito e ficar fora do alcance de Zach. Por pouco não cutuco as costas de Angel só de vingança. Em parte porque não tenho mais energia.

Angel não estava brincando quando disse que viramos zumbis. Não tiramos folga há semanas. Todos os dias têm sido iguais. Acordamos cedo, eventos de divulgação — entrevistas, aparições em programas de TV, acenar para multidões da janela como se fôssemos a família real ou coisa do tipo — seguido do jantar, depois ensaios e preparação, o show, troca de roupas e, para encerrar, vamos para o hotel ou para um jatinho privado que nos leva até o estado seguinte onde faremos tudo de novo.

Mas amanhã não. Amanhã vamos para casa.

Sendo bem sincero, não estou tão empolgado assim — nos melhores dias, minha mãe é passivo-agressiva e, nos piores, só agressiva mesmo. E meu pai vive trabalhando. Mas estou animado com a possibilidade de acordar depois do nascer do sol.

— Beleza — diz Erin, e abro os olhos mas não levanto a cabeça. — Queria reunir vocês aqui só pra gente combinar tudo direitinho para a semana que vem, e para o caso de vocês terem qualquer dúvida enquanto ainda estamos juntos.

Semana que vem. Na próxima semana estaremos num avião, nos despedindo de casa por meses enquanto começamos a parte internacional da turnê. Primeira parada: Londres.

Nunca saí do país. Durante os últimos anos, fui me acostumando a deixar meus pais por semanas — e, às vezes, meses — de pouquinho em pouquinho, mas nunca pareceu nada tão sério. Até agora, sempre estive no mesmo país que eles. Mesmo que, tecnicamente, eu já tenha ficado *mais longe* em termos de fuso horário, de certa forma, voar para a Europa parece algo maior. Para ser sincero, pensar nisso me deixa bem ansioso, e ainda não tive tempo de refletir com calma. Sempre foi mais fácil pensar como algo que meu eu do futuro ia resolver.

O problema é que o eu do futuro está prestes a virar o eu do presente.

Eu sabia que tinha um furo nesse plano.

Ergo a mão sonolenta quando lembro que tenho *uma* dúvida. Duas, na verdade.

— Posso só perguntar pela terceira vez se você não vai me surpreender com ingressos para uma peça no West End? — digo.

— Não seria uma surpresa tão boa assim se ela te contasse — responde Jon.

— Não, não seria — diz Erin. — Mas, só pra você não criar expectativas, posso confirmar que não vai dar tempo de irmos ao West End. Desculpa, Ruben.

Não tenho energia o bastante para ficar decepcionado.

— Imaginei. Mas você disse que ia tentar o Burgtheater em Viena...?

Erin sorri.

— Eu disse, e vou mesmo. Prometo, fiz questão de colocar isso no itinerário. Poderemos ficar uma hora lá.

Me animo com a possibilidade. Minha família é amante do teatro. Cresci ouvindo Andrew Lloyd Webber e Stephen Sondheim. Minha mãe me colocou em aulas de canto particulares para aperfeiçoar meu vibrato e meu *belting* desde o jardim de infância, e durante o ensino médio eu já viajava com companhias de teatro profissionais. Já vi tudo que os Estados Unidos têm a oferecer em termos de história do teatro musical, mas não tem como ir para a Europa e não turistar pelo menos *um pouquinho*, e sou apaixonado pela história do Burgtheater. Além do mais, para meu desgosto não teremos tempo de visitar o Globe.

Jon, o único que não está esparramado no sofá, decide falar.

— A gente ainda vai visitar o Vaticano, né?

— Vamos, com certeza.

Ah, sim, claro. Não dá para tirar quatro horinhas para um espetáculo em West End, mas vamos passar uma manhã inteira no Vaticano por causa do Jon. Na verdade, não me surpreende: Jon é supercatólico, que nem a mãe, e embora seu pai, Geoff Braxton, não seja, ele com certeza vai dar um jeito de fazer o que for importante para o Jon. É sempre assim.

Erin olha para Angel.

— Alguma dúvida, meu bem?

Angel finge pensar em alguma coisa.

— Hum... em Londres ainda é permitido beber acima de dezoito anos?

Ela suspira.

— É.

Angel sorri.

— Sem mais perguntas, Meritíssima.

Levanto a cabeça para olhar pro Zach, que está com o queixo apoiado na mão.

— Você está quieto — digo.

— Hummm? — Ele pisca. — Ah, não, estou numa boa. Nenhuma dúvida. Teatros, bebida e, hum... Nossa... parece tudo ótimo.

— Tá com sono, né? — pergunto, e ele assente com os olhos pesados.

Erin pega a indireta.

— Tá bom. O micro-ônibus já está lá fora. Se tiverem qualquer dúvida, me mandem e-mail ou mensagem, e a gente se vê cedinho no domingo.

Nos apressamos para dar o fora antes que Erin lembre de mais algum item na agenda.

— Sei que todos vocês respeitam as leis e não bebem porque não têm idade! — ela grita atrás da gente. — Mas não vão esquecer que ressaca e voos transatlânticos são uma péssima combinação, tá?

Eu e Zach pegamos o banco de trás do micro-ônibus, enquanto Angel e Jon sentam na nossa frente, em assentos separados. Geralmente conversamos bastante no caminho até o hotel, mas hoje, em especial, estou morto. É como se tivéssemos acabado de correr uma maratona: a última reserva de energia foi usada para me carregar até a linha de chegada, e agora estou exausto. A última vez que tivemos quatro dias seguidos de folga foi... Faz tempo pra cacete.

Apesar de o hotel ficar a uns cinco minutos de distância, Angel se encolhe e tira um cochilo, e Jon coloca os fones de ouvido para se acalmar ouvindo música.

Em tese sozinhos, olho para Zach.

— Não acredito que acabou — digo.

Zach arqueia a sobancelha.

— Ainda falta a Europa inteira.

Quando ele sussurra, sua voz não muda em quase nada. É suave desse jeito. Como a pele de um cervo. Uma superfície macia de musgo. Dá para adormecer de tão calma que é.

— Verdade. Mas é diferente.

— Rapidinho vai virar o novo normal.

— Acho que sim. Tipo, que nem tudo isso — gesticulo vagamente ao redor — parece normal agora.

— Pois é.

— Meio deprimente, né?

Ele joga a cabeça para trás.

— O quê?

— Que não importa como alguma coisa seja grande e empolgante, depois de um tempo a gente normaliza.

O micro-ônibus passa por um quebra-molas e Angel funga pulando no assento. Como é possível que ele já esteja dormindo?

Pensativo, Zach considera por um instante o que eu disse e depois murmura, concordando. Nunca perde a graça ver como a Chorus *insiste* em vender Zach como o cara sombrio, misterioso e um pouquinho rebelde, quando sua personalidade real não poderia ser mais distante disso. Zach não é calado por ser sombrio ou melancólico. Ele só é pensativo e carinhoso — do tipo que pensa por um tempo enquanto avalia qual é a resposta que a pessoa mais quer ouvir. Ele pode não ser do tipo que domina a conversa ou anima o ambiente, mas é tão sombrio quanto um filhotinho de cachorro. Por mais que a imprensa tente alegar o contrário, a pedido de David, nosso assessor de publicidade.

Ele apoia os pés no recosto do assento de Jon e enfia o rosto entre os joelhos. Bem lá no fundo, uma voz me diz que se o micro-ônibus bater, suas pernas vão acertar a cabeça com tudo. A preocupação vai continuar me atormentando se eu ignorá-la, então coloco a mão na

canela dele e puxo suas pernas gentilmente para baixo. Ele me dá um sorriso torto e obedece, a contragosto.

— Os canais em Amsterdã — diz ele, do nada.

— Os alpes suíços. Adoro essa brincadeira de dizer a primeira coisa que vem à cabeça.

— Não! — Ele me cutuca com o cotovelo. — São os lugares que quero visitar. Cada um quer uma coisa, e eu não queria dizer na frente de todo mundo, mas se eu puder fazer algo lá, espero que seja isso. Só ficar... sentado nos canais por um tempo.

— Mas por que não dizer na frente de todo mundo? Não é nada escandaloso. Se fosse a zona de prostituição...

— Ah, essa eu quero conhecer também — brinca ele.

— Claro.

Seu sorriso some, e ele pressiona a ponta do sapato no recosto do banco de novo.

— É besteira. Mas foi lá que meu pai pediu minha mãe em casamento. Quero ver como é. Sei que não vai fazer os dois voltarem num passe de mágica ou qualquer coisa assim, mas... sei lá.

— Não é besteira. Vamos dar um jeito.

O sorriso volta.

— Vamos, é?

— Sim. Quer dizer, o Angel vai ficar à solta na Europa, então aposto que a Erin deixou pelo menos uns dois horários reservados para gastar na delegacia. Se temos tempo pra isso, teremos tempo para os canais.

— Eu *tô ouvindo*, hein — murmura Angel com a voz abafada.

Chuto o recosto dele, que responde resmungando.

De anjo, Angel não tem nada. Na verdade, seu nome no registro é Reece, mas ninguém o chama assim desde que formamos a banda. Na primeira reunião de publicidade, David ficou todo paranoico com a possibilidade de a imprensa confundir “Ruben” e “Reece”, e Angel

já chegou com um apelido de longa data. Ele recebeu do pai quando criança porque o sr. Phan tinha um ótimo e irônico senso de humor e não gostava de “capetinha”, o apelido original e mais condizente.

Ao meu lado, Zach deita de novo e, com os olhos fechados, pressiona o braço contra o meu ao mudar de posição.

Acho que paro de respirar pelo resto do caminho.

DOIS

ZACH

Tenho quase certeza de que meu motorista é fã da Saturday.

Ele faz contato visual pelo retrovisor, sorri e desvia o olhar, várias vezes seguidas.

Acabou de fazer de novo, e sinto minha nuca arrepiar. Ele deveria estar me levando para a casa da minha mãe, mas sei muito bem que poderia me levar para qualquer outro lugar, e meu instinto diz que ele talvez tenha um porão coberto de pôsteres da Saturday.

Passo a mão pelo cabelo e presto atenção nas ruas. É melhor encarar com lógica. Erin contratou o motorista, então ele deve ser confiável, porque a carreira dela despencaria ladeira abaixo se eu fosse sequestrado sob sua responsabilidade. No fundo, sei que não há nada suspeito acontecendo.

Então, por que ele continua sorrindo para mim como se estivesse tramando alguma coisa?

Ouçó um riff de guitarra familiar. Ah, não.

Ele arqueia as sobrancelhas e sorri para mim com uma cara de *Ah, sim*.

O motorista aumenta o volume e minha voz começa a tocar no carro. Quase prefiro que ele seja um assassino. Não é que eu não goste de “Guilty”; a música é divertida e, pra falar a verdade, uma das minhas favoritas da Saturday, principalmente por causa do riff de guitarra

supermeloso e os melhores vocais da carreira do Ruben. Sério, a voz dele está *muito boa* nessa.

Apoio a cabeça no vidro na hora do refrão. É uma das nossas primeiras músicas, da época que eu ainda não tinha abandonado totalmente meu estilo de canto meio punk, que Geoff gentilmente descreve como “chorão e nada comercial”, então meu timbre está trêmulo e é impossível não reparar no autotune. Eu faria diferente se regravássemos a música, mas depois que a gente fica famoso, tudo que fazemos nos segue para sempre.

Confiro o retrovisor e, sim, o motorista continua me observando. Bizarro pra caralho.

Balanço a cabeça no ritmo da música, fingindo estar curtindo. “*Guilty*”? *Adoro essa.*

— Minha filha é fanática por você, Zach — diz ele, me encarando pelo espelho. — Por todos os outros, mas especialmente por você. Ela diz que é uma *stan*.

Estremeço e forço um sorriso.

— Ah, nossa, obrigado, que gentileza da sua parte.

Ele ri.

— Não tem de quê. Sabe, sou um cara mais do rock, mas algumas das músicas de vocês grudam na cabeça. Só não conta pra ninguém que eu disse isso, beleza?

A esta altura, já estou acostumado. O negócio é o seguinte: nenhum cara elogia a Saturday sem algum tipo de porém. *Vocês são horríveis, mas...*

— Não vou contar. — Faço uma pausa e então decido continuar. — Também sou um cara mais do rock. — É a primeira coisa sincera que digo para ele.

Mexo na pulseira de couro que o estilista me obriga a usar.

Só para deixar claro, eu amo nossas músicas. Só não são minha coisa favorita para ouvir quando estou relaxando, nem o que eu escolheria cantar se tivesse controle sobre esse tipo de coisa.

Mas não tenho. Então não faz diferença.

Depois de tocar quase metade da nossa discografia — e eu descobrir o quanto sou capaz de me contorcer de vergonha —, finalmente chego em casa. Saio do carro sob o sol da manhã e me espreguiço como desculpa para analisar a rua. Não há ninguém por perto e, o mais importante, nenhum paparazzi à vista. Uma das coisas mais esquisitas da fama é ver seu rosto nas revistas sem nem lembrar de ter visto paparazzi no local da foto. Para piorar, eles estão ficando cada vez mais sorrateiros, com câmeras que conseguem fotografar a metros de distância. Apareço nas revistas o tempo todo agora, então sempre sinto que tem alguém, em algum lugar, me observando. E, pelo que já vi até agora, sempre tem mesmo.

Confiro meu reflexo e começo a me ajeitar, porque a Chorus faria um escândalo se vazasse uma foto minha acabado. Meu cabelo está mais bagunçado do que deveria, com algumas mechas fora do lugar. Sob as ordens do Geoff, deixei crescer em vez de usá-lo curto e arrepiado, de um jeito que não dá trabalho, e ainda não me acostumei. Vive caindo no olho ou pinicando meu pescoço. É um saco, e nem sei se fica tão bonito assim para valer o esforço.

O motorista pega minha mala enquanto me olha pelo reflexo da janela.

— Obrigado — digo, e dou uma gorjeta de cinquenta dólares para ele.

— Imagina. — Ele continua me observando. — Posso tirar uma foto com você? Minha filha me mataria se eu não tirasse.

Faço questão de abrir um sorriso superanimado.

— Claro, manda ver!

Ele pega o celular e se aproxima para tirar algumas selfies comigo. Parte de mim quer acabar com isso só para sair daqui e ver minha mãe, mas me seguro. *Não seja uma dessas celebridades*, ouço o sermão na minha mente. É só um favorzinho. Tá tudo bem.